

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA LÍNGUA MACUXI NOS 1º E 2º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BERNARDO SAYÃO/ RR: ANÁLISES E REFLEXÕES

Mara Jane Tebier da Silva;¹

Mariana Souza da Cunha²

INTRODUÇÃO

No Brasil sabemos que a língua predominante é o português, mas há aproximadamente 150 línguas indígenas faladas neste o território (SILVA e MACIEL, 2013). Contudo a desvalorização destas línguas indígenas tem prejudicado sua continuidade, visto que muitas já se perderam em todo o processo histórico sofrido. Mas apesar de tudo, continuam resistindo a este processo linguístico, no entanto, resistir até quando? De acordo com Luciano (2006) os jovens indígenas carecem de afirmação identitária que lhes assegure vivência envolvida com o mundo global, mas sem esquecer as suas origens, sua cultura, seus direitos como indígenas e sua língua.

Pensando nesta problemática, elaborou-se uma proposta pedagógica abordando sobre o processo de alfabetização da língua macuxi nas séries iniciais na Escola Estadual Indígena Bernardo Sayão/ RR, questionando sobre a causa que levou ao desuso da língua macuxi no decorrer do tempo, e o que fazer para mudar/transformar o curso dessa história, visto que estes povos “tem razão de se preocupar e pensar numa política linguística para defender e manter sua própria língua” (D’Angelis, 2000). Assim, devem conhecer a sua história e a partir de então lutar pelos seus direitos de manter sua língua (ORÇO e FLEURI, 2010) e por uma educação indígena em que os valores e culturas sejam valorizados.

Nesse sentido e, tendo em vista aproximar a família da escola ou vice-versa para que pudessem valorizar a cultura indígena auxiliando o docente para um ensino da língua macuxi

¹ Doutoranda em Educacion na Universidad Nacional de Rosário - UNR, mara.tebier@gmail.com;

² Doutoranda em Educacion na Universidad Nacional de Rosário - UNR, mariana.cunha@ufr.br.

na construção de materiais pedagógicos com práticas pautadas na identidade social do povo macuxi, tornando assim as aulas dinâmicas e lúdicas, motivando os alunos a tornarem-se falantes e alfabetizados na língua macuxi.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa-ação com a turma multisseriada de 1º e 2º anos, no turno vespertino desde o ano de 2014 a 2018, acompanhado por duas professoras de Língua macuxi e um professor multidisciplinar.

O processo de desenvolvimento da proposta se deu por meio de observação, apresentação da proposta para a comunidade, produção e leitura de textos em macuxi, oficinas na comunidade com participação de membros, produção de recursos pedagógicos juntamente com os alunos e professores. E por fim a avaliação dos resultados obtidos.

Para a realização das oficinas foram utilizados recursos como o livro “O pequeno Belo”, garrafas pet, papelões, papel A4, cola, caranã verde, tinta guache, palito de churrasco e muitos outros.

DESENVOLVIMENTO

Na comunidade de Maracanã I, somente 10% das pessoas são falantes da língua macuxi, pessoas acima de 30 anos de idade, por isso a proposta mostra que se não tiver um bom trabalho na sala de aula, conscientização e envolvimento de todos, o futuro da língua macuxi será desastrosa.

Maher (2010) tratando em seu artigo sobre Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira, escreve:

Grande parte das línguas indígenas brasileiras encontra-se em estado de extrema vulnerabilidade: estima-se que muitas delas podem desaparecer nas próximas décadas, provocando um empobrecimento significativo no Atlas Linguístico Brasileiro(...). Não há, portanto, motivos para sermos muito otimistas, como alerta Monserrat (2006), quando pensamos na sobrevivência de maior parte das línguas indígenas brasileiras (pag.34).

Esses dados mostram que aos poucos as línguas indígenas estão desaparecendo, deixando de ser usadas pelo próprio povo indígena. O uso da língua portuguesa prevalece e domina a comunicação. Em Maracanã I a média das pessoas falantes em macuxi confirma esses dados e é preocupante. Os cidadãos indígenas ou não indígenas têm todo o direito de uma boa educação. Segundo LDB (1996) Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A criança tem o direito a educação, por esse motivo ela é matriculada na escola, e no decorrer dos estudos ela irá desenvolver seu conhecimento com objetivo de ser cidadã. Esta proposta procurou trabalhar de forma criativa com a escola e a família, e o foco principal, ajudar na alfabetização da língua macuxi dentro e fora da sala de aula.

Falando em uma educação diferenciada, a escola indígena tem autonomia para trabalhar a língua indígena do povo indígena no qual ela está inserida, a LDB (1996) no Art. 210. §2º “assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

Assegurada por Lei temos o direito de trabalhar o ensino e aprendizagem dos alunos indígenas por meio de processos próprios para a criança na comunidade, respeitando a vivência na sua própria realidade cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comunidade Maracanã I está localizada à aproximadamente 320 km da capital de Roraima, Boa Vista, na terra indígena Raposa Serra do Sol, região das Serras. É habitada por cerca de 300 habitantes brasileiros e guianenses. O povo predominante na comunidade é o macuxi, mas existem patamonas, wapichanas e xirixiriana.

A comunidade teve implantação de escola em 1993 com um prédio que funciona até hoje com 03 salas de aula e atende cerca de 150 alunos nos três turnos, com três modalidades.

Atualmente, os habitantes desta comunidade não vivem mais conforme a cultura e as tradições dos seus antepassados e principalmente o uso da língua macuxi, por acesso ao mundo globalizado e o sistema capitalista que faz parte do cotidiano das pessoas.

Em de 2014, desenvolveu-se uma proposta pedagógica dando o início ao levantamento do diagnóstico da comunidade, do problema a ser trabalhado e a formulação do planejamento para concretização dos objetivos. A princípio observou-se por semanas as aulas dos professores e ficou clara a necessidade de se trabalhar especificamente a língua macuxi de forma mais lúdica e prazerosa.

Na falta de materiais específicos na língua ou jogos pedagógicos como ferramentas para desenvolver suas práticas pedagógicas, os professores utilizavam o que tinham ao seu alcance, um livro, papel A4, quadro negro e giz. Essa metodologia tradicional não estava fluindo o interesse dos alunos no ensino e aprendizagem da língua macuxi.

A partir dessas observações, foi necessário dialogar com os professores para criarmos alternativas que tornassem as aulas mais prazerosas e criativas, surgindo assim, a ideia de construir materiais didáticos e pedagógicos específicos na língua macuxi para serem utilizados pelos alunos no processo de alfabetização.

Os professores foram motivados a acreditarem na sua capacidade de criar materiais didáticos e pedagógicos na língua macuxi. Um professor apresentou um livro ilustrado de sua autoria com o título “O pequeno Belo”, traduzido para a língua macuxi com a ajuda de uma professora da comunidade. Foi feito a impressão deste pequeno livro que se tornou um sucesso entre as crianças que gostaram muito.

No ano seguinte, desenvolvemos atividades tendo o lixo como tema, trabalhamos a reciclagem, doenças causadas pelo lixo, higiene do corpo e preservação do meio ambiente. Confeccionamos animais existentes na comunidade, trabalhamos os nomes desses animais em macuxi. Construímos instrumentos musicais, foi ressaltado que no passado, eram usados tambores, chocalhos e flautas, e as músicas eram cantadas na língua macuxi, cantamos hinos em macuxi e português, oralidade, escrita e outras habilidades como desenho, pintura. As crianças ficaram empolgadas, finalizamos com exposição dos resultados para a comunidade.

Outra prática pedagógica desenvolvida foi a confecção de painéis de barro. Para desenvolver esse trabalho tivemos a participação de senhoras idosas da comunidade. O trabalho foi realizado na escola, em que foi mostrado para os alunos todos os processos, e cada aluno recebeu uma quantidade de barro, estes fizeram suas painelinhas passo a passo. Finalizando o trabalho, as painéis foram colocadas no cantinho da sala para secar, não finalizamos com o processo final de queimar as painéis por apresentar perigo.

Essa experiência foi muito prazerosa para as crianças e professores, uma vez que a confecção das painéis de barro foi multidisciplinar, mas fundamental para a alfabetização na língua macuxi. Foram escritos na cartolina pequenos textos relacionados à painel de barro em macuxi e traduzido para português, apresentamos os resultados para a comunidade.

Do mesmo modo construímos um jogo da memória sobre as sementes que são plantadas pelos pais dos alunos (milho, melancia, feijão, arroz, mamão e abóbora). Cada criança teve a oportunidade de produzir seu próprio jogo, além de colorir os desenhos das sementes, escreveram e leram os nomes em português e macuxi.

Outra atividade desenvolvida foi a produção de ábaco com caranã, com propósito de aprender a manusear o ábaco e compreender o sistema decimal. No primeiro momento foi explicado o que é um ábaco e sua utilidade.

A primeira atividade foi pintar os palitos de churrasco e o caranã (base), as bolinhas de caranã e em seguida colocamos para secar no pátio da escola. Montamos e usamos os ábacos resolvendo problemas simples. Os alunos foram participativos, e terminaram as atividades muito felizes em poder produzir seu material escolar.

Durante todo o período vigente do PIBID Diversidade, os bolsistas foram contemplados com acompanhamento e capacitação, participação em seminários e encontros que possibilitaram debates sobre a educação nas escolas indígenas, seus avanços e dificuldades. O desenvolvimento do projeto na escola, é um avanço, visto que possibilitou uma visão pedagógica de forma lúdica e criativa para manter viva a cultura tradicional e sobretudo a língua indígena na comunidade Maracanã I.

Desta forma os professores devem sempre buscar qualificação e capacitação para trazer práticas que enriqueçam o ensino-aprendizagem das crianças, deixando o ensino tradicional. Visto que atualmente as escolas estão passando por dificuldades com carência de materiais didáticos na própria língua indígena, o que torna relevante o papel do professor na atuação de práticas que possibilitem a criação destes materiais e métodos, tornando-se assim autônomos nas suas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve grande preocupação em colaborar com a prática dos professores no ensino da língua macuxi, planejando coletivamente as suas práticas. A família é fundamental nesse processo, contribuindo e apoiando para realização dos trabalhos. A família e a escola devem trabalhar incansavelmente para que a sua língua indígena prevaleça e seja passada a cada geração.

Dos resultados alcançados, na parte dos professores, com o apoio da proposta pedagógica, capacitação e qualificação no PNAIC e até mesmo o ingresso em universidades está mudando a velha prática para um método dinâmico e criativo, possibilitando às crianças o ensino-aprendizagem com práticas simples e prazerosas.

Desenvolver propostas e pesquisas na comunidade em que atuamos é uma grande conquista de professores nas comunidades. A contribuição do PIBID Diversidade/ Interdisciplinar da UFRR na formação de professores Indígenas, é uma ferramenta que levamos para as escolas para trabalhar naquilo que julgamos importante. É um privilégio fazer parte da história de luta e resistência dos povos indígenas para manter suas práticas culturais e em especial, as suas línguas.

Agradecemos à coordenadora Áurea Lucia Melo Oliveira e à supervisora Ideovânia Rodrigues de Oliveira e à coordenadora geral Mariana Cunha do PIBID Diversidade, que nunca mediram esforços para atender aos anseios dos bolsistas e por sempre nos incentivarem a continuar na pesquisa e a não desistir das práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- D'ANGEIIS, Wilmar R. **Alfabetizando em comunidade indígena** / Wilmar D'Angelis (2000).
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (1996). **Dispositivos Constitucionais Pertinentes. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Regulamentações – Normas Correlatadas Índice de Assuntos e Entidades.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006. P. 38- 43.
- ORÇO, Claudio Luiz; FLEURI, Reinaldo Matias. **O processo educativo: cultura e identidade indígena.** REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 17, n. 2, Passo Fundo, p. 335-347, jul. /dez. 2010.
- MAHER, Teresinha de Jesus Machado. **Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira, 2010.** Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>.
- SILVA, Marília de Nazaré Ferreira; MACIEL, Rafaela Viana. **Escrita e Leitura em Língua Materna: Uma experiência intercultural entre os Parkatêjê.** Work. Pap. Linguíst., 13(1): 41-50, Florianópolis, jan. /mar, 2013